

QUAL O IMAGINÁRIO DE CIÊNCIA E DE CIENTISTA DE UNIVERSITÁRIOS CEGOS?

BONFIM, Carolina Santos¹; MÓL, Gerson de Souza²; PINHEIRO, Bárbara Carine Soares³

¹Mestre em Ensino de Ciências pelo Pós-Graduação do Programa de Ensino, História e Filosofia das Ciências – UFBA/UEFS, campus Ondina; email:carol.sb88@gmail.com

²Docente/pesquisador dos PPGE, PPGEduC – UNB, campus Darci Ribeiro; email: gersonmol@gmail.com

³Docente/pesquisadora do PPGEFHC – UFBA/UEFS, campus Ondina; email: soarespinheirob@gmail.com

PALAVRAS CHAVE: Ensino de Ciências; Cegueira; Natureza da Ciência.

1. Introdução e Justificativa

Estudos sobre imagens de ciência e de cientista apresentam uma tradição no Ensino de Ciências (LEDERMAN, 2007). Ribeiro e Silva (2018) descrevem, ancorado em diversos autores, como estudantes veem os cientistas: são homens, brancos, idosos ou de meia idade, que usam jalecos, óculos, cabelos despenteados, de aparência insana, rodeados por equipamentos e vidrarias, isolados em laboratórios.

Pesquisas acerca da imagem de ciência e de cientista estão atreladas às representações visuais (REZNIK et al., 2017). As ciências são amplamente relacionadas à visão, não que em sua natureza sejam, mas por estarem imersas em uma cultura vidente, afirma o professor Éder de Camargo (MORENO, 2013). Como indivíduos que não se valem da visão para depreender o mundo percebem a ciência e os/as cientistas? Eles partilham estereótipos de videntes ou apresentam particularidades?

Esta pesquisa é uma oportunidade de dar voz a esses sujeitos e atentar para questões que constroem uma esfera favorável para exercitar a alteridade, permitindo a desconstrução de conceitos preconcebidos.

2. Objetivos

Neste âmbito, investigamos de que maneira universitários cegos imaginam a ciência e os/as cientistas.

3. Metodologia

A pesquisa, de caráter qualitativo, aprovada por comitê de ética, foi realizada na Universidade Federal da Bahia. O questionário foi aplicado por meio de entrevistas

semiestruturadas a três universitários, de diferentes cursos, com cegueira total adquirida.

4. Resultados e discussões

Para um dos sujeitos, cientistas vivem “isolados da sociedade, devido ao fato das ciências serem construídas dentro de muros”, noção recorrente em imagens distorcidas sobre ciências (HAACK, 2012). Consideramos que as ciências devem ser compreendidas como uma prática social, uma vez que a comunidade científica identifica os seus domínios, constrói padrões e procedimentos, além de estabelecer critérios de demarcação (ALLCHIN, 2013).

Quanto à aparência, têm plena noção que suas ideias sobre cientistas são estereotipadas, frutos de informações que decorrem da convivência social, descrevendo cientistas como “pessoas”, não se prendendo a gênero, talvez por não enxergarem rostos há muito tempo. Ou descrevem ambos os gêneros em suas falas: “me vem à mente, a cara de um sujeito meio descuidado, de óculos. De uma mulher meio destrambelhada. Isso é um estereótipo que a sociedade criou, os filmes criaram.”

A ausência da visão proporcionou aos sujeitos considerarem outros fatores além daqueles imagéticos, sendo menos propensos a adotar estereótipos como verdadeiros, evidenciado em: “o cientista, em si, esse tipo de pensamento que eu tenho na minha mente, que eu vivenciei com o olho de enxergar. E hoje meu olho é um olho de mente, eu percebo muito mais através da mente.” Assim, transparece que, enquanto vidente, tendia a se fixar nas características que lhe eram apresentadas por meio das imagens.

5. Considerações finais

Os universitários cegos conseguem distinguir estereótipo de realidade, por não ficarem presos a estímulos visuais, como fazem os videntes. E apesar de reconhecerem a importância do sentido da visão na prática científica, não a consideram essencial, pois podem apresentar atributos vantajosos para as ciências, como capacidade de se concentrar mais no pensamento do que na visão. Os entrevistados não são cegos congênitos, propomos uma continuidade dos estudos neste sentido.

6. Referências

ALLCHIN, D. **Teaching the Nature of Science: Perspectives & Resources**. St. Paul: SHiPS Education Press, 2013, 324 p.

HAACK. S. Seis Sinais do Cientificismo. **Logos & Episteme**, v. 3, n. 1 p.75-95, 2012.

LEDERMAN, N. G. Nature of science: past, present, and future. In: ABELL, S. K.; LEDERMAN, N. G. **Handbook of Research on Science Education**. 1 ed. Abington: Routledge. 2007. 1330 p.

MORENO, A. C. 2013. Professor cego mostra em livro como ensinar física para quem não enxerga. **G1 Educação**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/09/professor-cego-mostra-em-livro-comoensinar-fisica-para-quem-nao-enxerga.html>>. Acesso em: 18.08.2019.

REZNIK, G. et al. Como adolescentes apreendem a ciência e a profissão de cientista. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 829-855, 2017.

RIBEIRO, G.; SILVA, J. L. J. C. A imagem de cientista: impacto de uma intervenção pedagógica focalizada na história da ciência. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 130-158, 2018.